

ESTUDOS MORTUÁRIOS
EM ARQUEOLOGIA
PRÉ-HISTÓRICA E HISTÓRICA:
DE ESPELHO ETNOGRÁFICO
À MÁSCARA SOCIAL*

DIOGO M. COSTA**

Resumo: este texto apresenta uma revisão sobre os estudos mortuários tanto na arqueologia pré-histórica como na arqueologia histórica através da exposição de diversos referenciais teóricos e metodológicos utilizados por autores na análise e interpretação dos vestígios funerários. Este texto pretende também ser uma reflexão sobre as diferentes práticas e resultados dos estudos arqueológicos em sítios mortuários de períodos antigos a contemporâneos. No entanto, este texto não pretende ser um compêndio sobre o assunto, mas sim estimular através da citação de diversas pesquisas estrangeiras o intercâmbio e disseminação do tema.

Palavras-chave: Arqueologia da Morte. Teoria e Metodologia. Sítios Pré-Históricos e Históricos

Não há nada mais vivo do que uma arqueologia da morte, e nem nada mais humano do que tentar mortalizar o intangível. A arqueologia como ciência que estuda o palpável, procura através dos vestígios e contextos reter o que é temporário. É nesta luta, portanto entre o que vai e o que fica que o arqueólogo tenta chegar ao passado, mesmo estando eternamente preso ao seu presente.

Segundo Py-Daniel (2009) uma “Arqueologia da Morte” no Brasil é ainda incipiente, apesar de ter uma estreita ligação com estudos desenvolvidos por longo tempo nos Estados Unidos, aqui a situação ainda se resume a pesquisas focadas na paleopatologia humana. Entendidas muitas vezes como um contratempo, por exigir metodologias específicas em campo e laboratório; por sua vez as pesquisas de sítios mortuários restringirem-se as ações da antropologia biológica ou física e em especial aos estudos de tafonomia humana. Por outro lado, a proposta deste texto não é de criticar este fazer,

* Recebido em: 01.06.2012.

Aprovado em: 20.07.2012. Este texto foi em parte produzido para a disciplina Archaeology of Death do Professor James Davidson na University of Florida, cujo agradeço as indicações de leitura

** Pós-Doutorando em Arqueologia na Universidade Federal de Minas Gerais. Ph.D. em Antropologia pela Universidade da Florida. Mestre em Gestão do Patrimônio Cultural pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Graduado em História pela Faculdade Porto-Alegrense de Ciências e Letras.
E-mail: diomc2@gmail.com.

mas sim demonstrar outras possibilidades de estudo para os sítios funerários, para tanto será priorizado o todo cultural em detrimento do biológico em particular. Aqui serão apresentados e discutidos diversos estudos de caso, majoritariamente em língua estrangeira, como forma de incitar um referencial teórico e metodológico para a investigação ampla dos sítios mortuários no contexto nacional.

Em sequência, serão apresentados alguns referenciais teóricos e metodológicos para os estudos mortuários, tanto na arqueologia pré-histórica como na arqueologia histórica. Cabe aqui notar também que o texto doravante não pretende ser uma enciclopédia sobre o assunto, como o clássico trabalho universalista de Huntington e Metcalf(1979) repleto de estudos de caso e hoje referência nos estudos antropológicos sobre o tema. Todavia, guardada as proporções, a intenção do texto é ser uma simples revisão histórica de alguns trabalhos na área da arqueologia, como já executado por Robben(2004), porém este centrado em vários campos da antropologia. Como bem coloca Williams (2003) a arqueologia da morte é tão antiga quanto à própria arqueologia, porém no século XIX e início do século XX era um tema ignorado na própria arqueologia quando esta não se preocupava com o “passado do passado”. Cenário este que vai ser alterado somente pelas abordagens processualistas do “espelho” etnográfico e comparação cultural da década de 1970, ou pós-processualistas da “máscara” social e leitura contextual da década de 1980, como veremos a seguir.

ABORDAGENS PRÉ-HISTÓRICAS SOBRE A MORTE

Conforme Chapman (2003) a teoria e metodologia de Saxe-Binford nascida na década de 1970 continua sendo muito usada para análise e interpretação nos estudos mortuários principalmente sobre sítios funerários da pré-história. A abordagem de Saxe-Binford vê a morte e seu tratamento em toda e qualquer sociedade como uma forma de “espelho” de certas regras culturais praticadas pelos indivíduos ainda em vida. A obra de Saxe(1970) é um estudo funcional e comparativo para a criação de modelos evolucionários sobre a prática do enterramento. Saxe em seu trabalho propôs a construção de alguns arquétipos testáveis sobre o tratamento mortuário em diferentes contextos socioculturais com base em princípios etnográficos de personalidade e identidade social e sua significância sociocultural. Em complemento, o trabalho de Binford(1971) tenta validar as hipóteses levantadas por Saxe através de uma série de pesquisas transculturais em várias sociedades simples e contemporâneas, com o intuito de fazer uma relação direta entre dados etnográficos coletados e a sua “representação” nas práticas funerárias.

Usando o princípio de “espelho” etnográfico, a teoria e metodologia de Saxe-Binford sobre a prática funerária em sociedades pré-históricas apresenta oito hipóteses. A primeira hipótese explora a relação entre a disposição dos vestígios mortuários de um mesmo indivíduo, e como cada conjunto destes remanescentes pode representar o microcosmo de ação do mesmo indivíduo na sociedade. A segunda hipótese é sobre a relação direta entre a localização de cada indivíduo e seus remanescentes no local de sepultamento, e sua condição direta na própria organização da sociedade a qual este fazia parte. A terceira hipótese é sobre a conexão direta também entre a qualidade e o tratamento dos vestígios durante a prática funerária e o prestígio do indivíduo na mesma sociedade. Da mesma forma a quarta hipótese é também sobre o prestígio do morto na sociedade, porém fazendo a relação em forma

inversa sobre a qualidade dos vestígios e sua condição social. Em resumo, estas quatro primeiras hipóteses da proposta de Saxe-Binford sobre os vestígios mortuários em sociedades pré-históricas, versam sobre a representação direta ou “reflexo” da condição de cada indivíduo em vida e na sociedade durante seu sepultamento.

Por outro lado, as outras quatro hipóteses da proposta de Saxe-Binford sobre as práticas mortuárias pré-históricas são sobre a representação que a própria sociedade faz sobre os indivíduos durante o seu funeral. A quinta hipótese explora a existência de certa complexidade durante o ritual funerário, como uma relação direta para com a complexidade da própria sociedade que produziu o ritual. A sexta hipótese de forma inversa trabalha com a relação de quanto mais simples for a sociedade em questão, mais direta é a ligação entre as práticas funerárias e a falta de complexidade social. A sétima hipótese aponta sobre o tratamento dos indivíduos párias ou desajustados na sociedade, e como seu tratamento também pode variar conforme a simplicidade ou complexidade da sociedade a qual pertenciam. Por fim, a oitava hipótese estabelece uma relação direta entre a área de domínio de recursos de certos grupos e a localização dos seus cemitérios. Portanto, nestas outras quatro hipóteses Saxe e Binford estabelecem uma relação direta entre a simplicidade e complexidade dos rituais funerários e a sociedade que os produziu. Com exceção somente para a última hipótese que além de tratar sobre o território de domínio do grupo estudado, também é de longe, a mais utilizada na interpretação de vestígios mortuários na pré-história.

Em contraste, o trabalho de Brown (1971) é quase um manifesto contra o uso direto da etnografia ou mesmo etno-história como único referencial para entender os remanescentes funerários de qualquer sociedade. Em seu estudo, Brown observa todos os procedimentos utilizados pelos arqueólogos na ação de transformar vestígios físicos em sistemas gerais de domínio. Expondo desde os problemas técnicos na definição dos próprios enterramentos, até a seleção por parte do pesquisador dos elementos a serem comparados com os dados etnográficos. Para Brown, o principal problema se encontra na formação da amostra para estudo, pois os vestígios recuperados arqueologicamente representam somente uma parte do todo social, e desta forma é improvável fazer uma comparação direta com a sociedade viva. Em desacordo com a crítica de Brown, Saxe e Binford estabelecem que sua proposta está alicerçada em estudos transculturais, ou seja, em constantes que se apresentam entre as variáveis de diversas sociedades, e portanto como “lei geral” valeriam tanto no espaço – ou antropologicamente, como no tempo – ou arqueologicamente.

Seguindo em frente, Tainter(1978) é uma completa revisão sobre as perspectivas dos estudos mortuários na época. Segundo Tainter a confirmação etnográfica de conceitos sobre os estudos mortuários na arqueologia é fundamental. Portanto, a grande diversidade de abordagens sobre os estudos mortuários é um reflexo direto da grande variabilidade dos mesmos vestígios arqueológicos. Em resumo, Tainter explica que esta variabilidade de dados e explicações, não é um fator negativo, mas sim uma oportunidade de estudo. Porém, mesmo com Tainter podemos observar que umas séries de tipologias com cunho evolucionista foram e são utilizadas na interpretação dos vestígios mortuários. Desta forma, mesmo em vez de simplesmente usar a comparação entre sepultamentos como principal elemento de identificação e diferenciação entre as posições sociais, Tainter também procura pela expressão simbólica de cada funeral. Entretanto, mesmo a proposta de Tainter não é totalmente nova, uma vez que como a teoria e metodologia do “espelho” etnográfico de Saxe-Binford, também esta aborda-

gem pretende ser uma construção de um princípio geral para interpretação de todos os tipos de vestígios mortuários em escala global.

Por outro lado, abordagens mais antropológicas também estabelecem a dificuldade de se lidar com a hipótese do “espelho” etnográfico em rituais funerários antigos e mesmo contemporâneos. Como exemplo, temos o trabalho clássico de Metcalf(1976) sobre a questão de relacionar um determinado achado mortuário com um grupo específico, que no caso do estudo identifica dois grupos linguísticos diferentes, mas que possuem uma mesma prática funerária. Ou também, em seu trabalho seguinte (METCALF, 1981) sobre os diferentes níveis de “valor” empregados em rituais funerários secundários, como no uso de utensílios, gestos, ou acompanhamentos. Por fim, o trabalho de Precourt(1984) é outro ótimo exemplo das armadilhas em se usar uma relação direta entre a observação etnográfica e o estudo de práticas funerárias de um mesmo grupo social.

Porém, a verdadeira transformação começa a ocorrer a partir da década de 1980, quando novas alternativas ao princípio do “espelho” etnográfico de Saxe-Binford começam a ser apresentadas, uma vez que nem sempre as oito hipóteses funcionaram em ambas as direções. Como exemplo, o trabalho de Goldstein (1981) é uma referência em estudos sobre a espacialidade em sítios mortuários. Primeiramente, Goldstein realiza uma revisão sobre os estudos mortuários tradicionais, desde as abordagens mais evolucionistas até o uso da entropia na medição de energia. Em seguida, Goldstein claramente expõe que devemos olhar além da simples associação de sepultamentos para entender a estrutura dos sítios mortuários, e a sociedade que produziu isto. Para tanto, Goldstein propõem o uso de uma abordagem densamente espacial para analisar o sistema organizacional dos sítios mortuários, assim como suas variações e correlações.

Em meio às revisões sofridas pelas hipóteses de Saxe-Binford, temos também o trabalho de O’Shea(1984) como uma forte referência em todos os estudos que se seguiram sobre o tema. O’Shea além de fazer uma síntese dos trabalhos na época, também estabelece quatro princípios básicos para a análise e interpretação de vestígios mortuários, sendo eles: 1) que todas as sociedades empregam algum tipo de procedimento regular no tratamento de seus mortos; 2) que a população morta é um reflexo demográfico e fisiológico da população viva; 3) que cada enterramento representa a aplicação de regras e diretrizes sociais; 4) que elementos em um mesmo contexto funerário são todos contemporâneos. Em seu estudo de caso, O’Shea estabelece uma correlação entre a diminuição de população, miscigenação da sociedade e reorientação econômica de dois grupos indígenas. Porém como afirma O’Shea um afiliação étnica direta é possível através do estudo das práticas mortuárias, mas não somente sobre seus vestígios.

Portanto, conforme Chapman (2003) a proposta de Saxe-Binford vem sendo ainda muito utilizada na interpretação de sítios mortuários pré-históricos. Entretanto, além de toda a informação válida que a transposição de dados etnográficos sobre os vestígios arqueológicos pode gerar. É preciso também, ter em mente que quem decide sobre as práticas funerárias dos mortos é a sociedade viva, e, portanto, esta é sujeita as influencias ideológicas, políticas e econômicas do seu meio e tempo. Como último exemplo o trabalho de Lull(2000) critica as abordagens extremamente processualistas da arqueologia mortuária, apresentando como alternativa uma linha mais marxista. Segundo Lull os rituais mortuários não representam totalmente nem um passado do individuo em sociedade, e nem representações futuras das sociedades vivas, mas sim um espaço de trabalho ou investimento de troca social no presente em que foi reali-

zado. Portanto Lull aponta a necessidade de se estudar o conjunto das ações, as trocas contemporâneas que se realizaram, e não somente a sociedade ou os seus indivíduos enquanto elementos estáticos e somente representativos.

ABORDAGENS HISTÓRICAS SOBRE A MORTE

Na arqueologia histórica o estudo de remanescentes funerários não tem sido um campo menor de estudo (COSTA, 2010), principalmente depois do seminal trabalho de Deetz(1996) sobre enterramentos na Nova Inglaterra. Com sua abordagem estruturalista Deetz procura na década de 1970, através do uso da seriação, as dimensões de tempo, espaço e forma dos cemitérios. Estabelecendo uma correlação entre os desenhos das lápides e o período dos túmulos, o autor identifica três momentos distintos na organização espacial dos cemitérios. Um primeiro momento relacionado com os pioneiros até o século XVIII, que mesmo com ausência de muitos indicadores, tem ainda bem associado sua herança europeia. O segundo período que ocorre a partir do século XVIII, onde o isolamento das comunidades no meio rural estabelece normativas próprias de organização e expressão. E por fim um terceiro período onde, da metade do século XVIII em diante ocorre uma individualização do espaço e certa re-colonização do design funerário ao padrão europeu em voga.

Porém, como exemplos de outros estudos mortuários em sítios históricos vamos apresentar uma seleção de alguns outros autores estrangeiros. O primeiro é o trabalho de Mainfort(1985) sobre um cemitério de índios norte-americanos de meados do século XVIII e a comparação com documentos etnográficos sobre os mesmos. Aplicando uma metodologia um tanto quanto histórico-culturalista, Mainfort analisa desde o status socioeconômico dos enterramentos, assim como sua organização espacial no cemitério. Concluindo, Mainfort estabelece uma relação entre gênero, idade e espacialidade, assim como a importância de certos aspectos simbólicos, porém sem ir muito longe neste último ponto. Desta forma, mesmo sendo um trabalho com uso de fontes documentais que no caso para o autor são dados etnográficos antigos, os vestígios arqueológicos pesquisados acabam por serem interpretados infelizmente e somente de forma ilustrativa ao conhecimento etno-histórico já adquirido.

Em outro exemplo temos o emprego de uma teoria e metodologia mais processualista em sítios mortuários do período histórico, o caso do trabalho de Cannon (1989). Em seu estudo sobre a mudança nos rituais funerários em três sociedades distintas: a Inglaterra vitoriana, a sociedade Iroquai norte-americana e a Grécia antiga; Cannon tenta estabelecer uma “lei geral” de que a prática mortuária é um meio de expressão competitiva de status. Comparando estas três sociedades em tempos distintos, e suas práticas para com os mortos. Cannon enxerga que diferenças na exaltação ou restrição de certos rituais são reflexos diretos de momentos de maior ou menor aspiração social nestes grupos. Desta forma, Cannon estabelece uma relação direta entre a sociedade viva e a prática mortuária na forma de uma regra geral, mesmo fazendo uma leitura cronológica e que não observa as particularidades históricas de cada uma delas.

Entretanto uma abordagem pós-processualista é somente alcançada nos estudos mortuários de sítios históricos no trabalho de Pearson (1982), ao analisar as práticas contemporâneas dos rituais funerários. Pearson, através de uma leitura mais ideológica da sociedade atual observa certa inversão do cotidiano nestes rituais. Ao estudar as práticas mortuárias na Inglaterra desde o século XIX até o XX, Pearson observa que,

o contexto religioso inicial é alterado pelos discursos médico-higienistas nascentes do período; como o caso, por exemplo, da introdução dos crematórios e cemitérios jardins. E em segundo a própria comercialização da morte, com a introdução de um verdadeiro mercado anterior como os caixões, e posterior como os jazigos. O trabalho de Pearson é sem dúvida uma leitura atual e relevante sobre as práticas mortuárias nas sociedades modernas, e sem dúvida um exemplo de arqueologia da sociedade atual. Portanto diferente do conceito de “espelho” etnográfico a escola pós-processualista estabelece o princípio de “máscara” social nas práticas funerárias.

Outro exemplo de trabalho também postulado como pós-processualista é a obra de Bell (1990) sobre uma prática mortuária popular muito em voga durante o final do século XVIII e XIX nos Estados Unidos, chamada de “o embelezamento da morte”. Através da análise da decoração dos caixões, Bell estabelece uma correlação entre o status socioeconômico do morto e própria pressão social do consumo de massa e da cultura popular no período. Identificado diversas formas de expressão em seu estudo de caso, Bell argumenta que mesmo a regra geral de “embelezamento da morte”, no período, sofre adaptações e alterações em contextos mais particulares, principalmente entre as camadas mais pobres da população. Apesar de ser um trabalho um pouco mais histórico, a pesquisa de Bell é um ótimo referencial sobre a interseção entre a cultura material e o documento histórico em pesquisas mortuárias recentes, assim como uma representação da ação do princípio da “máscara” social sobre o ritual mortuário.

Adotando uma postura mais marxista o trabalho de McGuire's(1988) sobre as lápides de um cemitério com mais de 180 anos nos Estados Unidos é um diferente exemplo. Aplicando o conceito marxista de ideologia, McGuire procura identificar no estilo e tamanho das lápides a estratificação social do grupo estudado. Como resultado McGuire observa três períodos distintos no mesmo cemitério: o primeiro no início do século XIX quando não existia uma diferença muito grande entre os enterramentos e, portanto representa uma sociedade mais igualitária; o segundo do final do século XIX e início do século XX quando o cemitério começa a ser organizado segundo uma estratificação social e econômica; e o terceiro após a Segunda Guerra Mundial quando a estratificação ocorre em forma de sub-divisão dos grupos em famílias e correlatos. É claro que abordagem de McGuire em seu estudo muito se assemelha com o princípio do “espelho” etnográfico de Saxe-Binford, porém por ser tratar de uma investigação em período histórico a confrontação destas mudanças sociais torna-se mais factível.

Por outro lado, o trabalho de Jamieson(1995) sobre as práticas funerárias de escravos africanos nos Estados Unidos é também uma investigação no período histórico, porém sem o recurso de outras fontes históricas correlatas. Com base nos estudos sobre os vestígios dos rituais funerários de escravos, Jamieson tenta identificar as práticas religiosas e sua influencia sobre a sociedade escravista. Argumentando sobre a necessidade de maiores estudos sobre estas práticas, Jamieson também aponta a riqueza de informação arqueológica e histórica que tais enterramentos e sepultamentos têm para o conhecimento de um passado não tão bem documentado por nossa sociedade. Desta forma, assim como os trabalhos de Davidson (1999; 2004) sobre as atividades mortuárias dos escravos africanos, Jamieson alerta para a enorme variabilidade e transformações que estes grupos sofreram e provocaram durante o período escravista no continente americano.

Por fim, o estudo realizado por Little, Lamphear e Owsley's(1992) é também interessante por se tratar de uma pesquisa sobre um cemitério privado, pertencen-

cente somente a um grupo familiar. Neste tipo de microarqueologia Little e outros, discutem as singularidades dos achados com o contexto socioeconômico do período e do grupo. Observando desde patologias dos mortos, atreves de estudos nos ossos e dentes, até o estilo dos caixões e túmulos assim como sua localização espacial e artefatos associados. O trabalho de Little e outros consegue identificar quatro períodos distintos de práticas funerárias de uma mesma família. Em resumo, o trabalho de Little e outros apontam também para as macroestruturas quando relaciona as práticas mortuárias com as mentalidades de mascaramento da época como o “embelezamento da morte”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos arqueológicos sobre a morte possuem uma variada gama de abordagens, tanto quanto seu próprio objeto de estudo. Algumas destas abordagens seguem um caminho mais pessoal e por vezes até subjetivos, enquanto outras preferem um enfoque mais impessoal ou no seu entendimento mais científico. Porém em um aspecto todas estas construções se assemelham, quando o produto gerado pela pesquisa arqueológica é o resultado das opções teóricas e metodológicas do arqueólogo sobre os vestígios e contextos estudados (COSTA, 2004).

A materialidade da morte como apresentado por Hallam e Hockey(2001) estabelece a importância que a cultura material tem na constituição da memória social sobre os que já foram. Independente da escala ou tipologia, a cultura material associada com a morte estabelece com a sociedade uma dupla posição do que deve e não deve ser lembrado, mas que sem duvida tem sempre uma grande carga simbólica. Entretanto, nada é mais icônico para o estudo da morte do que o próprio corpo, ou o derradeiro objeto da morte. Em sua abordagem antropológica e histórica cultural os autores tentam entender a contemporaneidade da morte, suas mudanças ao longo do tempo e principalmente sua ação e reflexo na mente das pessoas.

Por outro lado, Fahlander e Oestigaard(2008) estabelecem uma abordagem mais coisificada da morte, mesmo porque existem certos limites interpretativos para a arqueologia. A busca indireta das ações humanas é conduzida através do estudo minucioso de diversas particularidades, com a categorização dos achados e indubitavelmente com as construções mentais para entendê-los. Porém estabelecendo que a lembrança da morte é uma ação cada vez mais presente no dia a dia dos vivos, mesmo com suas diversidades ou ocultismos.

Concluindo, podemos observar em todos os exemplos citados como as abordagens metodológicas e mesmo os conceitos teóricos vêm se modificando tanto nos estudos arqueológicos pré-históricos, quanto históricos sobre a morte. Como já apontado por Bell (1994) é interessante também notar que na arqueologia o estudo de sítios mortuários tem trazido à luz uma série de informações novas sobre o ritual da morte em nossa sociedade. Como por exemplo, se comparado aos estudos clássicos de Aries (1974) ou Farrell (1980) sobre as mudanças históricas nas práticas funerárias da sociedade contemporânea. Portanto, ao contrário das abordagens mais evolucionistas nos estudo de sítios mortuários a arqueologia tem demonstrado a possibilidade ir além de uma simples “história biológica” dos indivíduos, e tentar procurar os “reflexos” ou os “disfarces” das sociedades passadas em suas práticas e rituais funerários.

MORTUARY STUDIES IN PRE-HISTORIC AND HISTORICAL ARCHAEOLOGY: FROM ETHNOGRAPHIC MIRROR TO SOCIAL MASK

Abstract: This text presents a review about mortuary studies in pre-historical archaeology, as well as in historical archaeology. Through the exposition of theoretical and methodological referential used in analysis and interpretation of funerary remains. This text also intends to be a reflection about different practices and results of archaeological studies in mortuary sites, from ancient to contemporary times. Nevertheless, this text is not intended to be a compendium on the subject, but to stimulate through foreign researches the exchange and dissemination of the theme.

Keywords: Archeology of Death. Theory and Methodology. Pre-Historical and Historical Sites.

Referências

- ARIES, P. *Western Attitudes Toward Death*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1974.
- BELL, E.L. The historical archaeology of mortuary behavior: Coffin hardware from Uxbridge. *Historical Archaeology*, v. 24, p. 54-78, 1990.
- BELL, E.L. Archaeological investigations of historical cemeteries: An introduction to scholarly trends and prospects. In: BELL, E.L. (Ed.). *Vestiges of Mortality and Remembrance*. Methuen (NJ) and London: Scarecrow Press., 1994.
- BINFORD, L.R. Mortuary practices: their study and their potential. In: BROWN, J.A. (Ed.). *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices*. Society for American Archaeology, 1971.
- BROWN, J.A. The dimensions of status in the burials at Spiro. In: BROWN, J.A. (Ed.), *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices*. Society for American Archaeology, 1971.
- CANNON, A. The Historic Dimension in Mortuary Expressions of Status and Sentiment. *Current Anthropology*, v. 30, p. 437-458, 1989.
- CHAPMAN, R. Other Archaeologies and Disciplines: Mortuary Analysis in the Twenty-First Century. In: JESKE, R.J.; CHARLES, D.K. (Eds.). *Theory, Method, and Practice in Modern Archaeology*. London: Praeger, 2003.
- COSTA, D.M. Arqueologia Patrimonial: o pensar do construir. *Habitus*, 2, 333-360, 2004.
- COSTA, D.M. Arqueologias Históricas: um panorama temporal e espacial. *Vestígios. Revista latino-americana de arqueologia histórica*, 4, 2010.
- DAVIDSON, J.M. Freedman's Cemetery (1869-1907): A Chronological Reconstruction of an Excavated African-American Burial Ground. Dallas, Texas. *Anthropology*, Fayetteville, University of Arkansas, 1999.
- DAVIDSON, J.M. Mediating Race and Class Through the Death Experience: Power Relations and Resistance Strategies of an African-American Community, Dallas, Texas (1869-1907). *Anthropology*. Austin, University of Texas at Austin, 2004.

DEETZ, J. *In Small Things Forgotten: An Archaeology of Early American Life*. New York: Anchor Books, 1996.

FAHLANDER, F.; OESTIGAARD, T. (Eds.). *The Materiality of Death - Bodies, burial, beliefs*, BAR International Series, 2008.

FARRELL, J.J. *Inventing the American Way of Death, 1830-1920*. Philadelphia: Temple University Press, 1980.

GOLDSTEIN, L. One-dimensional archaeology and multi-dimensional people: spatial organization and mortuary analysis. In: CHAPMAN, R.; KINNES, I.; RANDSBORG, K. (Eds.). *The Archaeology of Death*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

HALLAM, E.; HOCKEY, J. *Death, Memory and Material Culture*. Oxford: Berg, 2001.

HUNTINGTON, R.; METCALF, P. *Celebrations of Death - The Anthropology of Mortuary Ritual*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

JAMIESON, R.W. Material culture and social death: African-American burial practices. *Historical Archaeology*, v. 29, p. 39-58, 1995.

LITTLE, B.J.; LAMPHEAR, K.M.; OWSLEY, D.W. Mortuary display and status in a nineteenth-century Anglo-American cemetery in Manassas Virginia. *American Antiquity*, v. 57, p. 397-418, 1992.

LULL, V. Death and Society: a Marxist Approach. *Antiquity*, 74, 2000.

MAINFORT, R.C., JR. Wealth, space, and status in a historic Indian cemetery. *American Antiquity*, v. 50, p. 555-579, 1985.

MCGUIRE, R.H. Dialogues with the Dead: Ideology and the Cemetery. In: LEONE, M.P.; PARKER B. Potter, J. (Eds.). *The Recovery of Meaning: Historical Archaeology in the Eastern United States*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1988.

METCALF, P.A. Who are the Berawan? Ethnic classification and the distribution of secondary treatment of the dead in central north Borneo. *Oceania*, v. 47, 1976.

METCALF, P.A. Meaning and materialism: The ritual economy of death. *Man*, 16, 1981.

O'SHEA, J.M. *Mortuary Variability: An Archaeological Investigation*. New York: Academic Press, 1984.

PEARSON, M.P. Mortuary practices, society and ideology: an etnoarchaeological study. In: HODDER, I. (Ed.). *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

PRECOURT, W.E. Mortuary practices and economic transaction: A hologeistic study. *Research in Economic Anthropology*, 6, 1984.

PY-DANIEL, A.R. Arqueologia da Morte no sítio Hatahara durante a fase paredão. *Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 2009.

ROBBEN, A. (Ed.). *Death, Mourning and Burial - A cross-cultural reder*, Malden. Oxford, Carlton: Blackwell Publishing, 2004.

113 SAXE, A.A. *Social Dimensions of Mortuary Practices*. University of Michigan, 1970.

TAINTER, J.A. Mortuary practices and the study of prehistoric social systems. *Advances in Archaeological Method and Theory*, 1, 105-141, 1978.

WILLIAMS, H. (Ed.). *Archaeologies of Remembrance: Death and Memory in Past Societies*, Academic/Plenum, 2003.